

# Aula

---

# 4

## A DINÂMICA DEMOGRÁFICA II

### **META**

Expor as variáveis demográficas além daquelas estudadas na aula anterior, destacando a as variâncias das taxas de mortalidade e da importância da variável da nupcialidade.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar as variáveis demográficas da mortalidade infantil, por idade e por sexo, além da nupcialidade,

analisar essas variáveis enquanto fenômenos sociais e culturais e que permitem interpretar sob o enfoque dinâmico e seu rebatimento nos dias atuais.



(Fonte: <http://www.saatchi-gallery.co.uk>).

### INTRODUÇÃO

A presente aula abordará ainda aspectos relacionados à chamada Dinâmica Demográfica, agora levando em consideração outras variáveis que compõem e influenciam na mudança do padrão populacional. Assim aspectos da mortalidade infantil, mortalidade específica por idade, mortalidade diferencial por sexo, além das variável da nupcialidade,, estão abordados no presente texto.

Uma primeira questão, para lembrar, é que a demografia pode ser vista em sua dupla face: a estática e a dinâmica. A primeira quando os dados são simplesmente observados e interpretados, daquilo que denominamos de demografia analítica e a segunda pelo aspecto natural da população, que, permanentemente sofre modificações face às questões de natureza cultural, social, política, e principalmente econômica.

Para finalizar essa parte introdutória, é fundamental informar que o estudo apresentado serve como eixo e marco inicial ao complexo estudo das questões populacionais e a intenção é o aluno entender a aplicabilidade dessas variáveis e porque é tão importante.

Vamos ao que interessa.



(Fonte: <http://atascadoteixeira.files.wordpress.com>).

## DA ANÁLISE DAS TAXAS DE MORTALIDADE: INFANTIL, POR IDADE E POR SEXO

Além do estudo da mortalidade observado na aula passada e que significa o número de pessoas falecidas em um determinado tempo e de determinado espaço geográfico, tem-se outras variáveis demográficas, sendo a mais conhecida a *taxa de mortalidade infantil*, e em segundo lugar das taxas de mortalidade de acordo com a *faixa etária e por sexo*.

Sobre a mortalidade infantil, essa variável assume importância em decorrência de ser um dos indicadores de desenvolvimentos de um país ou de uma região. A questão da sobrevivência da criança antes de completar um ano de vida é de grande importância, onde elementos como renda, condições sanitárias e também acesso a uma alimentação mais saudável, são determinantes para estabelecer o nível de desenvolvimento econômico e social de um país ou região. Segundo estudos do **PNUD** para o Brasil (dados de 2004), de cada R\$ 100,00 (cem reais) que se acrescenta a renda por pessoa (per capita), deixam de morrer 25 crianças antes de completar um ano de idade.

O problema, entretanto, está nas diferenças das taxas de mortalidade infantil quando comparamos as taxas de países industrializados a das taxas daqueles países econômicos e politicamente mais instáveis, como é o caso dos países africanos.

Assim no continente africano, como sabemos, é de longe o campeão em altas taxas de mortalidade infantil no mundo. Segundo análises mais recentes da UNICEF/ONU (2007), é na região subsaariana africana (corresponde à chamada África Negra) que estão as maiores taxas, podendo chegar a 175 mortes por mil nascidos (o país mais mortífero para as crianças é Serra Leoa). Uma taxa estrondosamente alta, se compararmos com as taxas dos países mais ricos, que variam de 5 a menos de 15 mortes em cada mil nascidos. Completando-se também, segundo essa entidade, que, dos 27 países que apresentam as maiores taxas de mortalidade infantil no mundo, 26 estão no continente africano (a exceção do Afeganistão).

De regra, segundo a maior parte dos estudos sobre mortalidade infantil, a tendência mundial, principalmente a partir das duas últimas décadas, é a *diminuição do número de óbitos de crianças com menos de um ano de vida*. Apenas para ilustrar essa afirmativa, segundo dados da UNICEF, através de levantamento realizado em 50 países, em 1990, o número de crianças que morreram nessa faixa de idade foi de 13 milhões. Enquanto que, em 2006, o total de mortos de crianças alcançou 9,7 milhões. Ainda que esse último número apresentasse bastante expressivo, podemos observar que houve uma diminuição de 25,38% em termos absolutos. É importante também salientar que essa entidade que integra a estrutura da Organiza-

### PNUD

É o programa das Nações para o Desenvolvimento, sendo uma instituição multilateral da qual é composto por 166 países e tem como finalidade o combate à pobreza. Operando dentro de uma estratégia integrada cuja meta é atingir os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. Toda esta ação, entretanto, está dentro do respeito às especificidades de cada país, principalmente seus aspectos culturais.

ção das Nações Unidas tem entre seus principais objetivos a diminuição de dois terços da mortalidade infantil entre 1990 e 2015.

Pelo apresentando, prezado aluno, o enfoque da mortalidade infantil integra como uma ou senão a mais importante variável demográfica para a determinação do grau de desenvolvimento humano. Sendo essa variável determinante na divisão e classificação dos países de todo o mundo, quando expectativa de vida, nível de renda e outras variáveis econômicas e sociais estão relacionados.

### DA MORTALIDADE POR IDADE E POR SEXO

É importante saber que a mortalidade, com suas variantes, são bem diferentes se levarmos em consideração elementos como idade e sexo.

De regra, *a maior incidência das taxas de mortalidade por idade ocorre justamente nos primeiros anos de vida e nas faixas de idade mais avançadas*. O que significa, se colocarmos a mortalidade por idade em gráficos, entre 0 e 80 anos de idade, por exemplo, teríamos como resultado uma curva em forma de U, onde as extremidades estariam as idades de maior mortalidade. Nas

faixas intermediárias, que corresponde as faixas da juventude e da idade adulta, há uma diminuição da mortalidade. O interessante é que esse fenômeno pode ser observado tanto em países ricos como também nos países economicamente mais pobres.

Já em relação à mortalidade por sexo, a questão é mais complexa. Em geral, o índice de mortalidade masculina é maior que a feminina, isso observado em praticamente todas as faixas de idade.

Por outro lado, como vimos em uma das aulas anteriores a

natalidade masculina é sempre maior que a feminina, em geral 5% a mais. E o que não acontece na questão da mortalidade. É justamente o contrário. Daí o estabelecimento do fenômeno demográfico denominado supermortalidade masculina, que nada mais é que a divisão entre o índice de mortalidade masculina e o de mortalidade feminina, multiplicado por 100, podendo esse cálculo ser efetivado por idade ou por grupo de idade, e que pode ser representado pela seguinte relação:

**A taxa de mortalidade infantil nada mais é que o número de bebês falecidos em menos de um ano em relação a 1.000 nascidos nesse mesmo período. Geralmente a maior incidência de mortes de recém-nascidos ocorre nos primeiros 28 dias de vida, da qual denominam de mortalidade neo-natal, provocado por causas endógenas (ou seja, em função de complicações do parto, existência de deformações físicas ou obtenção de doenças hereditárias) ou por causas exógenas (principalmente por desnutrição e doenças infecciosas).**

## 4



$$\text{Supermortalidade masculina} = \frac{\text{Taxa de mortalidade masculina (\%)}}{\text{Taxa de mortalidade feminina (\%)}} \times 100$$

Como exemplo, se na faixa de 15 e 19 anos (exemplo extraído de um país desenvolvido) temos um índice de mortalidade masculina de 1,02% (em cada mil homens), e o índice de mortalidade feminina é de 0,495% (também em cada mil mulheres), o resultado será 206, o que significa que a mortalidade masculina é 106% maior que a mortalidade feminina.

Podemos assim achar que a população masculina estar mais exposta aos riscos de vida e muitas vezes a doenças. Na primeira nos conhecidos acidentes automobilísticos e nos crimes violentos (como os homicídios), nesses a mortalidade masculina é disparadamente grande. Na questão das doenças podemos observar, que aquelas relacionadas ao fumo (broncopulmonares) e a bebida (cirose hepática) atingem mais os homens, mesmo sabendo que atualmente a população feminina também estar exposta a essas doenças.

Ainda continuando nesse interessante tema demográfico, em termos da distribuição geográfica, essas espécies de mortalidade também são diferenciadas. E o fator determinante seria os fatores econômicos que marcam lugares de maior ou menor incidência de mortalidade masculina ou feminina, além das diferenças de acordo com a idade.

Um exemplo. Nas áreas economicamente mais desenvolvidas, as taxas de mortalidade são baixas. Isso todos nós sabemos. Mas quando se analisa as taxas de mortalidade, tanto por idade, como também por sexo, muitas vezes essas taxas são maiores que aquelas encontradas em áreas mais pobres. Isso pode ser explicado pela vida mais agitada e exposta aos maiores riscos que as áreas onde o stress e a tensão constante não são vistas. É evidente que um estudo sistemático de uma região ou área a partir das taxas de mortalidade e suas variantes, seria interessante e ao mesmo tempo instigante, principalmente colocados dentro de um determinado marco temporal.

É importante colocar, que, entre a questão da natalidade e a mortalidade, a preocupação naturalmente estaria na análise simultânea das duas abordagens. Porém, a diminuição acentuada da taxa de mortalidade tenha uma visibilidade maior que a natalidade, sendo esta também importante, na medida em que a tendência universal é a diminuição constante desses. Porém, o impacto demográfico da mortalidade é bem maior, principalmente da mortalidade infantil.

### A IMPORTÂNCIA ATUAL DOS ESTUDOS DA NUPCIALIDADE

Na demografia e de forma específica na Geografia da População, a chamada questão da nupcialidade ou estudo na formação e dissolução das uniões conjugais, tanto na forma de casamento ou das chamadas uniões estáveis não é tradicionalmente analisada, até pelo aspecto secundário desse ramo dos estudos demográficos, em decorrência, naturalmente, da importância de outras variáveis, como é o caso da natalidade e da mortalidade.

**Um dos mitos sociais que a demografia e a geografia da população contrapõem relaciona-se na questão entre o número de solteiros e o número de solteiras. Pelos dados e estudos mais conhecidos, o número de homens solteiros proporcionalmente é maior que o de mulheres solteiras, derrubando a insustentável tese que as mulheres “estão mais disponíveis” que os homens.**

Assim, podemos dizer que nupcialidade, em seu processo dinâmico, opera na manipulação de variáveis, que tem a ver com índice de uniões conjugais, sua duração e dissolução, além do tipo de vínculo conjugal e que, no caso do Brasil é muito comum as chamadas uniões estáveis ou os chamados casamentos não formais.

Desse modo, a questão da nupcialidade tem sido vista sob outros olhos nos últimos anos. Afinal, o conhecimento sobre o total de casados ou que estejam nas chamadas uniões estáveis tem forte rebatimento, por exemplo, na fecundidade, por ser este o padrão cultural mais comum, sendo bastante observado em todas as culturas. Agregando-se também que nupcialidade é um indicador para conhecer a “duração média das uniões conjugais”, sendo um fenômeno social moderno e bastante instável, quando a figura do “casamento”, para muitos, está em “crise” e a tendência do ser humano é morar sozinho.

Essa última variável já é uma realidade, na medida em que nos países capitalistas mais desenvolvidos o número de pessoas que moram sozinhas é crescente, podendo chegar em alguns deles a mais de 40% do total de lares no país.

Nessa linha, a importância da nupcialidade não estaria restrita apenas em conhecer o total de uniões de conjugais e com isso determinar, por exemplo, o número aproximado de solteiros. Mas vai mais além. Um exemplo é o conhecimento da intensidade das uniões demarcado pela faixa etária de menor índice de solteiros, além da divisão por sexo, somando-se também da importância da melhor idade para o matrimônio, onde casamentos tardios ou simplesmente a prática do celibato são fenômenos que repercutem na nupcialidade. Na China, a proibição aos *casamentos precoces* influenciou de sobremaneira na diminuição das taxas de fecundidade.

Por outro lado, não podemos esquecer que no Brasil a nupcialidade pode apresentar certa fragilidade quando dois fenômenos que fazem parte do nosso cotidiano – gravidez precoce e notória infidelidade conjugal – podem obscurecer os dados nupciais. Ou seja, de um lado temos um fenômeno social bastante conhecido como é o caso da gravidez das adolescentes e que muitas vezes contribuem na expansão das chamadas *mães solteiras* e de outro lado, do fenômeno social observado de pessoas casadas que possuem “*filhos fora do casamento*”, formando emaranhados e confusos relacionamentos, inclusive fazendo parte da conhecida cultura machista brasileira, da qual é *naturalizado*, onde existe, queira ou não, a permissão social de homens casados terem casos extraconjugais, fato que não ocorre com a mulher. A simples constatação de que uma mulher tem um caso com “outro homem” ou “mais de um homem”, esta é rotulada através de expressões de baixo valor moral como “vagabunda”, “piranha”, etc.

## CONCLUSÃO

Variáveis como nupcialidade, infelizmente são ignoradas pelos estudiosos de população e forma ainda mais grave, dos próprios geógrafos. Porém, sabemos que o conhecimento de sua dinâmica é de fundamental importância, destacando a determinação do número de nascidos, inclusive até mesmo presumível, além de estabelecer o total, o tamanho e a estrutura das famílias, passando pelo aspecto da duração do casamento (ou da união estável) e da provável dissolução (conhecido como separação). Já a mortalidade é vista como uma variável de grande importância, sendo que o fenômeno da diminuição de suas taxas é universal, sendo ela observada tanto por faixas de idades (onde o número de óbitos é maior nos primeiros anos e nas idades mais avançadas) e por sexo (como o caso do fenômeno da supermortalidade masculina). Soma-se também a drástica diminuição das taxas de mortalidade infantil em todo o mundo, isso graças ao êxito no combate as doenças e de certa forma na melhoria das condições sanitárias.



### RESUMO

A mortalidade em si não tem muita importância analítica, mas quando tratada, os dados obtidos tem grande importância. A mais importante de todas é a taxa de mortalidade infantil, que é determinada pelo número de óbitos existentes durante um ano no grupo de mil habitantes e essa taxa é a que apresenta maior decréscimo em praticamente todos os países do mundo. No que se refere a mortalidade por idade e sexo, a problemática é bem diferenciada, em geral as primeiras idades e as idades mais avançadas são as que apresentam os maiores índices, porém o mais brutal é em relação a mortalidade por sexo, em decorrência do maior número de óbitos da população masculina, inclusive denominada de supermortalidade masculina, sendo vários os motivos que levam a essa supermortalidade.. Finalmente a nupcialidade é a variável menos conhecida e ao mesmo tempo de grande importância, servindo para calcular o total de famílias e com isso estabelecer parâmetros relacionados a renda familiar, a duração do casamento (e das uniões estáveis), bem como do total de dissoluções (separações e divórcios).



### ATIVIDADES

1. A diminuição das taxas de mortalidade deu-se em função do avanço da chamada medicina preventiva, inclusive extinguindo algumas doenças. Entretanto, moléstias fáceis de serem combatidas como o Mal de Chagas e a Doença do Sono ainda persistem em algumas áreas do planeta. Explique o porquê da vergonhosa existência dessas duas doenças relacionando a questão da pobreza e o papel das indústrias farmacêuticas.
2. Sabemos que valores sociais como o casamento estão sendo questionadas como uma instituição falida. O que não ocorre com as uniões estáveis. No Brasil, por exemplo, podemos dizer que o casamento não é mais valorizado, ou em outras palavras, o ato de casar está em crise ou fadada a extinção. Qual a sua opinião sobre essa questão?



### PRÓXIMA AULA

Na próxima aula veremos um dos fundamentos teóricos mais importantes e que repercute dentro da Geografia da População: a teoria populacional malthusiana. Abordagem, por incrível que pareça, ainda importante para os dias atuais, mesmo sob uma nova roupagem.



REFERÊNCIAS

GEORGE, Pierre. **Geografia da População**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MADEIRA, Felícia R. Nupcialidad. In: **Dinâmica da população**. vários autores. São Paulo: Biblioteca Básica de Ciências Sociais, 1980. p. 159-184.

PETTERSON, G. **Geografia, recursos e população**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

SAWYER, Diana Oya. Mortalidade In: **Dinâmica da população**. vários autores. São Paulo: Biblioteca Básica de Ciências Sociais, 1980. p. 209-235.